

Acabou o rolê? O impacto da pandemia em juventudes negras e nordestinas

PAULO DE TARSO XAVIER SOUSA JUNIOR*

ELAINE FERREIRA DO NASCIMENTO**

Resumo: Diante das inúmeras consequências impostas pelo contágio da Covid-19 as sociedades precisaram readaptar os vários processos de vivências e experiências cotidianas presentes. Dessa maneira, cada parcela da população experienciou o cenário de pandemia de maneira singular. A juventude negra e nordestina, pode ser considerada um exemplo que ilustra bem esta questão. Diante disso, este trabalho busca estabelecer conexões para a compreensão deste cenário, propondo reflexões a curto, médio e longo prazo. Para isto, o referido estudo possui como objetivo geral discutir sobre as relações da juventude negra nordestina diante das perspectivas ofertadas pela pandemia da Covid-19. Para o desenvolvimento deste ponto, se buscou a realização de uma pesquisa bibliográfica de caráter integrativo. Foram realizadas buscas nas seguintes bibliotecas virtuais: Scielo, BVS Brasil, Google Acadêmico, Pepsic e PubMed. Participaram deste estudo referências em língua portuguesa e datadas entre os anos de 2020 a 2022. Já aqueles trabalhos classificados como resumos, entrevistas e resenhas, além daqueles que fogem da gênese deste estudo permaneceram de fora. Os dados foram organizados e categorizados, submetidos ao método de interpretação de sentidos. Os resultados apontaram para a presença do desenvolvimento da potencialização do uso das redes sociais como meio de expressão e manutenção dos vínculos. Ao mesmo tempo, esse distanciamento também trouxe afetamentos para a saúde mental desses indivíduos. Conclui-se a necessidade de estudar e refletir sobre essas consequências, pensando em como essa juventude irá lidar com todas as questões no futuro próximo.

Palavras-chave: Subjetividades; Afetamentos; Coletividades; Invisibilização; Covid-19.

Is the party over? The impact of the pandemic on black and northeastern young people

Abstract: In the face of the numerous consequences imposed by the Covid-19 contagion, societies needed to readapt the various processes of living and daily experiences that were present. Thus, each portion of the population experienced the pandemic scenario in a unique way. The black and northeastern youth can be considered an example that illustrates this issue well. In view of this, this work seeks to establish connections for the understanding of this scenario, proposing short, medium, and long-term reflections. For this, the general objective of this study is to discuss the relations of the black northeastern youth in the face of the perspectives offered by the Covid-19 pandemic. For the development of this point, it was sought to carry out an integrative bibliographical research. The following virtual libraries were searched: Scielo, BVS Brazil, Google Scholar, Pepsic and PubMed. Participated in this study references in Portuguese language and dated between the years 2020 and 2022. Studies classified as abstracts, interviews, and reviews, as well as those not related to the genesis of this study were excluded. The data were organized and categorized, and submitted to the meaning interpretation method. The results pointed to the presence of the development of the potentiation of the use of social networks as a means of expression and bonding. At the same time, this distancing also brought affections to the mental health of these individuals. We conclude the need to study and reflect on these consequences, thinking about how these young people will deal with all the issues in the near future.

Key words: Subjectivities; Affections; Collectivities; Invisibilization; Covid-19.



* PAULO DE TARSO XAVIER SOUSA JUNIOR é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria.



** ELAINE FERREIRA DO NASCIMENTO é Doutora em Ciências pelo Instituto Fernandes Figueira /Fundação Oswaldo Cruz, coordenadora adjunta da Fiocruz Piauí e professora do PPGPP/UFPI.

Introdução

A pandemia da Covid-19 não apresentou apenas dilemas no que diz respeito ao cuidado em saúde. Pensando em outros aspectos que compõe a sociedade, não fica difícil encontrar outras nuances as quais apresentaram dificuldades e percalços. No que diz respeito a juventude um exemplo disso se circunscreve a questão da empregabilidade juvenil. Com as condições adversas de isolamento, a falta de políticas públicas e as articulações existentes em um sistema capitalista, esta parcela da população padeceu da falta de emprego e da manutenção do mesmo. Pensar neste exemplo deixa explícita a necessidade de se falar sobre outros lados não contados dessa história (CARNEIRO; CÉSAR; SCHERER, 2022).

Seguindo por uma linha de análise e concepção de atravessamentos no período pandêmico, além da falta de sobrevivência e submissão a condições sub-humanas, o racismo estrutural se mostrou mais forte do que nunca nesse período. Assim, violências foram vivenciadas por jovens negras e negros, colocando em prova a discriminação, discursos de ódio e rebaixamento de singularidades. Isso tudo associado a questões cotidianas, escancarando a exclusão e vulnerabilidade a qual esta parte da população é colocada diariamente por uma camada elitizada e branca (TEODORO *et al.*, 2021).

É importante lembrar, inclusive, que esta mesma população juvenil já padecia de barreiras antes mesmo da chegada da pandemia. A juventude negra, principalmente, sempre sofreu abordagens e ações violentas do Estado, instância que deveria cuidar e zelar pela proteção dos grupos e da sociedade como um todo, como rege as leis deste país. O que se observou foi a

invisibilização e a morte em muitos casos desses indivíduos, deixando claro a estrutura racista e classista desenvolvida no Brasil. Amparado nesse cenário, a ausência de políticas públicas de enfrentamento e combate a essas violências andam a passos bem lentos, propiciando o apagamento de subjetividades (ESPINOZA *et al.*, 2018).

Em contrapartida, essa juventude não permaneceu calada e inerte. Conforme Assis (2021) este cenário também serviu como potencializador de construção e articulação de movimentos. É por meio dessas ações organizadas, as quais grupos escancararam não apenas as violências, como também, as privações e dificuldades apresentadas pela Covid-19. Além do mais, esse grupo se movimentou na produção de uma força motriz, criando e fortalecendo laços para a manutenção do bem-estar psíquico e defendendo a sua sobrevivência. Essa sem dúvida, foi uma das iniciativas de maior alcance e importância para estes/as jovens.

Esses/as jovens levam em consideração além das suas histórias e a exclusão vivenciada, o sentimento de pertença, de grupo e de territórios. Suas ações, portanto, são pautadas em quebrar paradigmas e estabelecer sua própria voz. Denunciando as amarras impostas pela sociedade e ressaltando o valor e a genuinidade da sua própria subjetividade (PINTO, 2021).

O reconhecimento dessas subjetividades e do direito pertencente a essa juventude no Brasil ocasionou a produção de articulações as quais pudessem dar vozes a essas exclusões. Assim, o reconhecimento destes/as jovens sobre si mesmos, sobre a forma como enxergam o mundo e o que esperam para seu futuro e para a sociedade, de um modo em geral, se tornou uma das suas grandes

pautas. É dessa forma que coletivos e movimentos se articulam em prol de um objetivo comum (TONELLA & DOURADO, 2021).

Com base nas informações discutidas anteriormente, este trabalho se localiza diante de um “olho do furacão”, observando e refletindo sobre as nuances dessa juventude negra, periférica e nordestina de um lado e a Covid-19, o sistema e as opressões de outro. Essa batalha gerou a construção e gênese deste estudo. Dessa forma, o presente texto possui como objetivo geral discutir sobre as relações da juventude negra nordestina diante das perspectivas ofertadas pela pandemia da Covid-19.

O trabalho apresenta como relevância científica a análise e divulgação da ciência a diversos públicos sociais. Outra questão se refere a uma relevância social, não apenas acessando realidades, mas produzindo reflexões geradoras de transformação social, gênese de quaisquer pesquisas. Este trabalho também não poderia deixar de apresentar uma relevância política, em que produz debates e discussões geradoras de iniciativas e mobilizações, diante do cenário estabelecido no Brasil perante o público alvo desta investigação.

Este trabalho se classifica como uma pesquisa bibliográfica integrativa, a qual conforme Souza, Silva e Carvalho (2010) busca para além de sintetizar os conhecimentos de uma determinada área, como também levantar questionamentos diante da aplicabilidade ou não destes conhecimentos conforme o objetivo definido por cada uma delas.

Para a construção deste estudo foi definida como pergunta norteadora a seguinte questão: como as juventudes negras e nordestinas vivenciaram o período de pandemia no Brasil? A

investigação definiu então os seguintes passos: construção da pergunta norteadora/objetivos; elegibilidade dos critérios de inclusão e exclusão; definição dos descritores; busca nas bibliotecas virtuais; produção dos dados; organização e análise dos dados, e, por fim, a construção do estudo final.

Como modelo de guia e aperfeiçoamento do estudo se buscou utilizar a estratégia PCC para definição e organização deste estudo, onde P (População) configuraria a população juvenil negra, nordestina e brasileira, C (Conceito) se debruçaria sobre a forma como essa juventude se apresenta e vive, e por fim, C (Contexto) a qual se origina da pandemia da Covid-19.

As buscas foram realizadas nas seguintes bibliotecas virtuais: Google Acadêmico, BVS Brasil, Lilacs e PubMed. Para isto foram usados os seguintes descritores: Covid-19, juventude, Brasil, população negra e nordeste. Para auxiliar na busca foi utilizado o operador booleano *and*. Como critérios de inclusão foram utilizados os seguintes aspectos: trabalhos em língua portuguesa, datados dos anos 2020 a 2022 e que estejam em congruência aos objetivos desta investigação. Já como critérios de exclusão, permaneceram de fora publicações consideradas resumos (sejam simples e/ou expandidos) publicados em eventos científicos, resenhas e entrevistas.

Após uma primeira busca inicial onde apareceram quarenta trabalhos, foram selecionadas vinte referências com base nos objetivos traçados. Em seguida, posterior a uma leitura do material selecionado, foram escolhidos onze trabalhos para a realização da produção final. A exclusão se deu devido a dissociação das publicações ao objetivo traçado neste estudo. Os dados foram

organizados, distribuídos e submetidos a análise de conteúdo (GOMES, 2016).

O trabalho observou uma maior presença de estudos das áreas que contemplam as Ciências Humanas e Sociais. Neste sentido, as publicações estão concentradas nas áreas de Psicologia, Antropologia, Serviço Social, Ciências Sociais e Filosofia. A grande maioria se

debruça sobre realidades distintas de estados nortistas como Maranhão, Pernambuco, Ceará e Bahia. Apesar das distinções de localidades, os estudos concentram objetivos semelhantes: entender sobre a juventude negra e periférica de centros urbanos sobre a pandemia da Covid-19. O quadro a seguir apresenta os trabalhos selecionados nesta pesquisa.

Título	Autoria
Pandemia do coronavírus: o reflexo das desigualdades e as dificuldades educacionais da juventude pobre negra no Brasil	Suellen Stéfani Felício Lourenço Lílian Perdigão Caixêta Reis
Projetos de futuro e transições juvenis na saída do ensino médio: tensões e desejos em tempos de pandemia	Carlene Leão Machado dos Santos
Balanço crítico de um triste tempo pandêmico para a infância e juventude brasileira	Italo de Oliveira Guedes Márcio Soares Berclaz Assis da Costa Oliveira Homero Bezerra Ribeiro Jenair Alves da Silva Ilana Lemos de Paiva
“Mão na cabeça!”: abordagem policial, racismo e violência estrutural entre jovens negros de três capitais do Nordeste	Diana Anunciação Leny Alves Bonfim Trad Tiago Ferreira
A carne mais barata continua sendo a carne negra: a ação do Estado frente aos casos de violências contra a juventude negra	Ana Paula de Oliveira Silva
Juventudes Negras e sua representação: identidade e luta contra o racismo com o coletivo de comunicação Ceará Crioulo Black	Marcel Pereira Pordeus
Da escravidão à pandemia: racismo estrutural e desproteção de crianças e adolescentes	Andréa Pires Rocha
Território, maternagem e extermínio da juventude negra. Uma etnografia nas periferias ao oeste de Parnamirim/RN	José Rolfran de Souza Tavares
O hip hop, das ruas às mídias: sua relação com as marcas em tempos de pandemia	Natan Campos Tiengo

Violência contra mulheres no Ceará em tempos de pandemia de Covid-19	Larissa Ferreira Nunes Laisa Forte Cavalcante Tadeu Lucas de Lavor Filho João Paulo Pereira Barros Luciana Lobo Miranda
Por onde jovens andam? relato de experiência das interseções saúde e juventude periférica curraisnovense	Monique Pfeifer Rodrigues da Silva

Fonte: Autores (2022)

A presença de trabalhos entre o intervalo de 2021-2022 é crescente em relação a 2020, mesmo essa juventude já estando vivenciando consequências do cenário pandêmico. O aumento dessas publicações é de suma importância diante da necessidade de se produzir dados empíricos que embasam a construção de políticas públicas de combate, prevenção e bem-estar. De modo a permitir um melhor entendimento e configuração do fenômeno, o trabalho optou por dividir os achados em duas categorias distintas de reflexão e discussão - *Nossas vozes contra a do Estado: quem ganha?; E vamos ficar paradas? Nosso rolê não acabou!*

Vozes negras juvenis contra o Estado: quem ganha?

Lourenço e Reis (2022) apontam as dificuldades já encaradas por essa juventude negra antes mesmo do período pandêmico. Assim, as mazelas associadas e sentidas por parte dessa população foram apenas intensificadas diante da chegada da Covid-19. De acordo com as consequências do vírus para o dia-a-dia da população, foram essas juventudes negras periféricas, em sua grande maioria, as pessoas que seguiram sendo mais invisibilizadas. Esse apagamento de subjetividades pode ser visto nas dificuldades da manutenção de emprego e escolaridade e até mesmo

para a aquisição de estratégias de combate ao contágio.

Pensando neste aspecto, Santos (2022) relata a negatividade atrelada a essa juventude no que diz respeito a tomada de decisões com base no futuro desejado. Com as adversas consequências sentidas pela pandemia, esse grupo se encontra desestimulado e apático frente aos seus sonhos. Desse modo, os desejos e planos de vida e de futuro tanto almejado ou até mesmo já planejado foram frustrados. Existe, portanto, uma máquina dentro dessa sociedade a qual inviabiliza que este segmento possa seguir seus anseios em troca de buscar caminhos de sobrevivência a si e a configuração familiar a qual cada um faz parte.

É preciso, portanto, estar atenta a esta juventude agora, pois são esses/essas jovens a qual estarão envolvidos em papéis e posições importantes dentro da sociedade. Com a negação desses sonhos e oportunidades pensadas é necessário refletir sobre como este/a jovem se encontrará diante da comunidade e sobre si mesmo, daqui a alguns anos, qual sociedade estará desenhada, em quais bases e suportes?

Guedes et al., (2022) inclusive aponta a displicência ou projeto de poder do Estado perante deste cenário, como meio favorecedor do desamparo dessas juventudes, sobretudo negras e

periféricas. Foi por meio do papel desempenhado por estes jovens, à frente da linha de funcionamento de serviços e também de riscos ao contágio, que uma determinada camada elitizada conseguiu realizar o isolamento social da maneira mais adequada. Foi preciso, portanto, que esses sujeitos estivessem lançando mão do seu próprio cuidado para manutenção do seu sustento e da proteção alheia. Assim, o mecanismo estigmatizador deixa claro a estrutura racista presente neste país.

Ficou evidente o papel da pandemia da Covid-19 apenas como um meio catalisador. De acordo com as referências, essa invisibilização segue mantendo estruturas racistas, sexistas e desiguais no Brasil. Uma realidade que não é de hoje e vêm sendo aplicada ao logo de séculos de escravidão, patriarcal e de segregação. Essa estrutura segue sendo mantida não apenas pelas instituições como pela própria população. Combater as mesmas significaria promover uma revolução nestas engrenagens solidificadas e mantidas em prol de uma parcela rica e branca.

A realidade, entretanto, não busca sinais de mudanças e combate a essas marginalizações. Ao contrário, pois conforme estudos de Anunciação, Trad e Ferreira (2020) são esses mesmos jovens negros e nordestinos as quais sofrem constantes violências perante abordagens de instituições as quais deveriam protegê-los. Um exemplo disso se trata da polícia, com ações que estigmatizam estes jovens e os colocam em um rótulo de criminalidade. Não é à toa que as juventudes implicadas no estudo dos autores em questão relatam dificuldades em experienciar suas próprias vivências com a interferência da violência policial.

E Silva (2022) segue apontando questões importantes dentro dessa problemática. O Estado enquanto instituição responsável também pela seguridade desses jovens se mantém omissa na maioria das situações. Isso significa dizer que existe uma banalização pelo próprio poder público em relação as violências sofridas a esses jovens. É claro que essa estrutura é engendrada pelo racismo estrutural presente no Brasil. Assim, por máximo que ainda existam denúncias sobre essa apatia, a mesma segue em vigor demonstrando claramente a inércia diante destas injustiças.

Nesse momento esses jovens negros se articulam, como a exemplo do estudo de Pordeus (2021), onde essa população residente do estado do Ceará busca combater todas essas injustiças. Além dessas violências, as próprias retiradas de direitos estabelecidos e aceitados perante a sociedade e todas as instituições que fazem parte dela. Assim, as lutas necessárias visam resistir diante de tantas outras negativas presentes e ofertadas pelo Estado.

Com base na discussão até aqui, as referências potencializam um desafio secular, onde esses jovens negros ainda recebem a parcela de discriminação e negativa. Mesmo estando anos após o processo de escravização, notou-se a persistência de mecanismos do próprio Estado em invalidar o sofrimento dessas pessoas, mesmo diante das árduas consequências vivenciadas pela Covid-19. Dessa maneira, dizer e compartilhar que todas as pessoas estiveram “no mesmo barco” seria ilógico e até mesmo contraditório. A própria sociedade demarcou os lugares onde a pandemia se alastrou e apresentou mais perdas. Lugar este habitado por jovens negros e periféricos.

Rocha (2022) aponta uma questão para a mudança neste quadro: é preciso destruir as colunas as quais ainda perpetuam as estruturas coloniais. Só assim será possível ver uma sociedade mais justa e com equidade. A pandemia apenas reforçou o que já existia, em relação a racismos e desigualdades, portanto, a questão não é pensar apenas no agora, mas em séculos de segregação racial as quais ainda seguem moldando como essa população negra ainda padece de reconhecimento de direitos e da sua própria identidade.

Com base nessas considerações (e históricas até) é que esses jovens negros e nordestinos buscaram iniciativas e ações que visassem a manutenção de coletivos e movimentos as quais fossem na contramão deste Estado necropolítico, buscando formas de existência e resistência. O pertencimento e apoio coletivo foram uma dessas estratégias pensadas. É com base neste quesito a qual o próximo tópico de discussão se debruça.

E vamos ficar paradas? Nosso rolê não acabou!

As juventudes negras nordestinas também buscaram formas de sustentarem suas ideias e formas de sobrevivência diante de uma estrutura social racista. É o que aponta o trabalho de Tavares (2021) sobre essa população do Rio Grande do Norte. Inicialmente é preciso entender sobre a sua própria história, compreendendo, portanto, fatos históricos que demarcam a sua localidade. Esse resgate é necessário para a compreensão das próprias demandas que emergem diante da sua realidade.

A representação por meio da cultura e formas de expressão artística se mostra como uma ferramenta de poder e escuta a essas vozes. Um exemplo disso diz

respeito ao próprio *hip hop*, gênero que sai das ruas e até mesmo alcança espaços virtuais, sobretudo nesta pandemia. Conseqüentemente, essa arte combina não apenas aquela realidade como também transborda subjetividade. A junção destes dos aspectos que fazem parte dessa juventude e comunidade periférica se espalha como uma fonte de (r)existência (TIENGO, 2021).

Esse movimento também foi essencial para a denúncia de diversas violências experienciadas nos tempos tortuosos de pandemia. Nunes *et al.*, (2021) apontam para o exacerbamento dos casos de vítimas de violência doméstica, com recorte no estado do Ceará. Além desse dado, é preciso identificar que a maioria dessas mulheres submetidas a essas violências são negras, jovens e periféricas/faveladas. Assim, a reprodução deste tipo de crime não é por acaso. Sua raiz é profunda, sendo necessário o combate a essas estruturas cristalizadas de racismo, sexismo e classe.

A coletividade pertencente a esses jovens promove não apenas a perspectiva de luta frente as desigualdades enfrentadas na pandemia. Esse resultado é vivenciado por séculos de aquilombamento, em que essas juventudes precisaram se reinventar para promover mudanças nessas estruturas excludentes e preconceituosas. Assim, essas ações permanecem ao longo dos séculos, sejam de maneira vivencial ou remota. Os instrumentos são adicionados a essas iniciativas, mas sem dúvidas, sua gênese está no contato e no pertencimento ao grupo. As referências apontam o quão isso promoveu suporte diante dessas deficiências observadas, como para a saúde e bem-estar desses indivíduos.

As batalhas enfrentadas por essas pessoas visam legitimar direitos que são

assegurados por lei, mas distorcidos diante da liderança política brasileira frente a pandemia. As reivindicações pensadas aqui nada mais dizem respeito as exclusões e abandonos de políticas públicas de proteção aos direitos dessas juventudes. Essas articulações visam desde saúde, educação, empregabilidade, campos tão devastados, ainda mais com a chegada da Covid-19. A resistência, portanto, desses grupos legitimam a necessidade da obrigação do poder público frente ao cuidado estabelecido por lei (GUEDES et al., 2022).

Diante da necropolítica, atuação de um Estado que decide quem pode viver e quem deve morrer e de que forma (MBEMBE, 2020). De acordo com Mbembe (2020), esse termo é importante, pois dentre muitas coisas, define como ações por parte do Estado faz com que as juventudes negra, indígena e LGBTQ+ seguem sendo as mais vulneráveis entre as juventudes, uma vez que as juventudes brancas heterossexuais, mesmo pobres conseguem usufruir, de certo modo, das políticas públicas e sociais em curso no nosso país. Fica explícito no Brasil perante a pandemia e sobretudo ao grupo de jovens abordados neste trabalho, que foi notória a necessidade de apoio a criação dessas mobilizações dialogadas neste ponto, por parte dos próprios grupos de jovens e de outras instituições que não tinham relação com o governo, utilizando a criatividade para tal.

Trabalhos como de Silva (2022) no Rio Grande do Norte pontua bem essa tarefa. A princípio a mesma encontra resistências quando se observa a ausência dessa juventude, em decorrência das exclusões e vulnerabilidades encontradas. Diante do trabalho desenvolvido pela autora, o resgate a essa população sobrevivente

potencializou a organização dos mesmos. Para isto, a arte foi utilizada não apenas como maneira de expressão, perante as dores singulares vivenciadas. Essa mesma ferramenta foi utilizada como maneira de chamamento aos outros pares, viabilizando uma articulação em grupo.

Essa luta se enquadra em todos os sentidos de formação humana, abrangendo desde a saúde, direitos humanos até a educação. Lourenço e Reis (2022) relatam sobre os percalços da população negra brasileira no que diz respeito a manutenção da sua formação educacional diante da pandemia. Os altos índices de abandono e de não apoio das instituições de ensino durante esse período culminaram em desafios que provocaram a perda da continuidade de estudos e até mesmo da concretização de sonhos.

As referências apontam, portanto, a necessidade de coletividade como forma de combater não apenas as negligências provocadoras de desigualdades sociais, mas da retirada de direitos a essa juventude. Assim, essa juventude negra segue sendo excluída em decorrência de uma parcela branca a qual segue gozando dos seus privilégios e ocupando espaços e lugares não destinados a eles. O movimento se faz necessário já que existe o apagamento dessas identidades, como maneira de usurpação de brancos e sua perpetuação em espaços que são destinados (também) a negros e negras.

Por isso, trabalhos como este apresentam uma necessidade apontada pela literatura, a qual deve permanecer presente nos espaços nordestinos. A juventude negra a qual pertence a essa região segue reinventando suas raízes, mostrando a força e potência do sertão em atitudes e mobilizações. Mesmo diante das adversidades, a qual aqui metaforicamente falando poderia ser

equiparada a seca, a resistência desses “cactos” permite um florescer mesmo diante da sequeidão e da presença de aridez no local. É dessa forma a qual movimentos e coletivos buscam resistir e chamar atenção cada vez mais da sociedade e do Estado. Provando, portanto, que este rolê segue sendo do/a jovem negro/a e nordestina.

Considerações finais

O presente trabalho buscou em sua gênese amalgamar boa parte do que a literatura aponta sobre as vivências da juventude negra nordestina em contraponto a Covid-19. O que se identificou foi uma batalha cruel e bastante desigual. Mesmo sendo um vírus desconhecido, o mesmo já se muniu de artifícios seculares e estratégicos para o genocídio desses jovens.

Além do mais, nesta história, nem sempre os bons personagens se mostraram tão bons assim. O que restou a essa juventude foi buscar apoio e conforto em si mesmo e em seus pares. Muitas das ações inclusive não estão registradas em artigos científicos, mas são vivenciais em comunidades periféricas ao longo dos municípios nordestinos. Apesar da especificidade da luta, todos seguem diante de uma luta árdua e justa. Cabe a você, leitor desse trabalho, também fazer o seu papel diante dessa história. Afinal de contas, essa juventude merece seguir vivendo e existindo dentro e fora dos seus rolês.

Referências

ANUNCIACÃO, Diana; TRAD, Leny Alves Bonfim; FERREIRA, Tiago. “Mão na cabeça!”: abordagem policial, racismo e violência estrutural entre jovens negros de três capitais do Nordeste. *Saúde e Sociedade*, v. 29, 2020.

ASSIS, Patrícia Marciano de. **Efeitos da pandemia no cotidiano de jovens moradores de territórios periféricos da cidade de**

Fortaleza-Ceará. 2021. 54 f. TCC (Graduação em Psicologia) - Curso de Graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

CARNEIRO, Evelyn; CÉSAR, Maurício da Silva; SCHERER, Giovane Antônio. As juventudes brasileiras e o acesso ao trabalho: uma análise da precarização intensificada na pandemia da covid-19. *Anais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2022., 2022.

ESPINOZA, Fran et al. El nordeste brasileño y su juventud: dilemas y oportunidades. *Interfaces Científicas-Direito*, v. 6, n. 2, p. 47-60, 2018.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

GUEDES, Italo de Oliveira et al. Balanço crítico de um triste tempo pandêmico para a infância e juventude brasileira. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, v. 8, n. 2, p. 325-344, 2022.

LOURENÇO, Suellen Stéfani Felício; REIS, Lílian Perdígão Caixêta. PANDEMIA DO CORONAVÍRUS: O REFLEXO DAS DESIGUALDADES E AS DIFICULDADES EDUCACIONAIS DA JUVENTUDE POBRE NEGRA NO BRASIL. *Humanidades & Inovação*, v. 9, n. 5, p. 40-51, 2022.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Santa Cruz de Tenerife (Espanha): Melusina, 2020.

NUNES, Larissa Ferreira et al. VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NO CEARÁ EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19. *Revista Feminismos*, v. 9, n. 1, 2021.

PINTO, Luciana. Participar: verbo em voz ativa—Adolescentes e jovens sujeitos de mudança das suas realidades no Brasil profundo. *Revista Argumentos*, v. 18, n. 1, 2021.

PORDEUS, Marcel Pereira. Juventudes Negras e sua representação: identidade e luta contra o racismo com o coletivo de comunicação Ceará Crioulo Black Youth and their representation: identity and the fight against racism with the Ceará Crioulo communication collective. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 8, p. 84225-84235, 2021.

ROCHA, Andréa Pires. Da escravidão à pandemia: racismo estrutural e desproteção de crianças e adolescentes. *Revista Em Pauta*:

teoria social e realidade contemporânea, v. 20, n. 50, 2022.

SANTOS, Carlene Leão Machado dos. **Projetos de futuro e transições juvenis na saída do ensino médio: tensões e desejos em tempos de pandemia.** 2022. 129 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022.

SILVA, Ana Paula de Oliveira e. **A carne mais barata continua sendo a carne negra: a ação do Estado frente aos casos de violências contra a juventude negra.** 2022. 57f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

SILVA, Monique Pfeifer Rodrigues da. **Por onde jovens andam? relato de experiência das interseções saúde e juventude periférica curraisnovense.** 2022. 36 f. Monografia (Especialização) - Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica, Escola Multicampi de Ciências Médicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2022

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.

TAVARES, José Rolfran de Souza. **Território, maternagem e extermínio da juventude negra. Uma etnografia nas periferias ao oeste de Parnamirim/RN.** 2021. 130f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

TEODORO, Auristela Felix de Oliveira et al. **Racismo, pobreza e pandemia: Empreendedorismo social através de ações extensionistas nas disciplinas ACCS e informática aplicada à contabilidade- Um estudo de caso no SLS de uma universidade pública da região Nordeste do Brasil.** In: ZAGANELLI, Margareth Vetis; GONÇALVES, Maria Célia da Silva; SILVA, Anderson Lincoln Vital. **Tópicos em Ciências Sociais.** – Belo Horizonte – MG: Poisson, 2021.

TIENGO, Natan Campos. **O hip hop, das ruas às mídias: sua relação com as marcas em tempos de pandemia.** 2021. 53 (Monografia). Especialização em Publicidade e Propaganda. PUC-GO, Goiânia, 2021.

TONELLA, Celene; DOURADO, Simone. Juventude, políticas públicas e contestação no Brasil. **Revista Pilquen**, v. 24, n. 5, p. 61-75, 2021.

Recebido em 2022-11-09
Publicado em 2023-01-01